

## OFICINA DE ARTISTAGEM CURRICULAR: KAFKA E O ARTISTA DA FOME

Sônia Regina da Luz Matos

**Resumo:** A investigação deste trabalho é parte do Projeto Observatório da Educação *Escreleituras: um modo de ler e escrever em meio à vida*, fomentado pelos órgãos federais: Conselho Nacional de Pesquisa (CAPES), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP). O Projeto funciona junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, na linha de pesquisa filosofias da diferença e educação. O trabalho do projeto acontece por meio das oficinas/transcrição de escreleituras (CORAZZA, 2011). As oficinas/transcrição são experimentações de procedimentos linguísticos, sonoros, plásticos, didáticos, metodológicos, entre outros. Especificamente, para este relato, trago uma das experimentações das oficinas que aconteceu na área de educação, com o foco na formação de professores, junto das alunas do curso de pedagogia. A oficina é pensada na fronteira entre pedagogia, literatura de Kafka e filosofia.

**Palavras-chave:** escritura; formação de professores; diferença

### Introdução

Tematizo neste estudo as questões curriculares a partir do pensamento da diferença. O estudo parte da imensa produção acadêmica sobre o tema currículo. O problema das oficinas é: como operacionalizar o currículo por artistagem? Passamos a cercar o problema com os intercessores da filosofia, DELEUZE (1996), do currículo, CORAZZA (1998) e TADEU (1999 e 2001) e da literatura, KAFKA (1998). Eles entram nas oficinas como afecções ativas para produção curricular, potencializam a operacionalização do problema. Com estes intercessores, a pesquisa produz o efeito de tirarmos o currículo da artistagem do idealismo. A *oficina de artistagem curricular: Kafka e o artista da fome* são uma ponte entre literatura e a produção curricular. Para isso, parto da inspiração do personagem artista da fome, pois ele jejua porque sua arte é jejuar. Pergunto-me qual é nossa arte no currículo? Se se jejua como o artista da fome, vomitaríamos o currículo do clichê, do senso comum, da falação, da banalização? Com artista da fome conheci o rigor da arte de artistar o currículo; conheci a emergência de curricular com o artista da fome. Trato as questões do currículo da artistagem como micropolítica em educação e não como forças totalizadoras e universais para as propostas curriculares. Com isso, compomos tipos de artistagens curriculares nas oficinas.

### Metodologia

#### Oficinas/experimentações

As oficinas/experimentações aconteceram na área de educação, com o foco na formação de professores, junto às alunas do curso de pedagogia, na disciplina de fundamentos do currículo. Por atuar na docência do ensino superior privado, escolhi este espaço acadêmico para criar o currículo de artistagem na fronteira entre pedagogia, literatura de Kafka e filosofia. Os encontros deste trabalho tiveram a duração de quatro semanas, do final do semestre de 2011. As oficinas foram distribuídas entre procedimentos de leitura e escritura do conto: Um artista da fome, do autor Kafka (1998). Vivemos os procedimentos demarcando as questões linguísticas e filosóficas do autor. Traçamos estas, como forças de artistagem para produção de um currículo em educação. Usamos os tipos de procedimentos de leitura dos clássicos movimentos de estudos de um texto até a leitura que fazia do leitor um traidor do texto lido. Outro foco da oficina foi criar estratégias de leitura e escritura que rompessem com o movimento transcendente que a escola dá ao procedimento de leitura e escrita. Não procurávamos saber o que o autor quis dizer com o conto, o foco

das oficinas eram deixar-se afectar com o efeito de escrita. Essa produção era da ordem de transpor para o escrito as ideias sobre currículo. Os procedimentos de leitura e escritas aconteceram em todos os encontros.

## **Resultado e discussão**

### **Curriculando nas experimentações de escritura**

Nos estudos de currículo há tipos conceituais que envolvem inúmeras posições curriculares. Porém, este projeto de investigação/experimentação dedicou-se as questões contemporâneas sobre artistagem curricular. (CORAZZA, 1998). A arte, da artistagem, é povoada de afecções, é tudo que nos acontece, liberando as experiências sensíveis em sua singularidade. Por isso arte é diferente da obra de arte. Porque *“necessitamos de toda arte exuberante, dançante, zombateira, infantil e venturosa, para não perdermos a liberdade de pairar acima das coisas, que o nosso ideal exige de nós”* (NIETZSCHE, 2001, §107). A artistagem tem a dimensão da arte como procedimentos educativos na vida. A vida como arte, a arte na vida, é possibilidade de não morrermos com a verdade. A busca da verdade aprisiona a criação, a vida. A arte como pensamento da diferença não é representação da vida, mas vivida como um estilo, uma estética de existência. A arte quando pensada em termos de representação da realidade, passa para objetividade e assim se aprisiona na estética da contemplação, da ética da conscientização. As linhas que traça é do julgamento bom e mal; instrumento referências da cultura ocidental e moderna. Então, a docência artística pode ser deslocada como práticas inimagináveis, a e talvez nem mesmos sendo possíveis de serem ditas, pois ela carrega questionamento dos seus próprios limites pedagógicos e didáticos. É na alquimia artística que se des-prende da certeza e da verdade pedagógica, o julgamento moral a ser ensinada. Assim, este tipo de currículo é produzido no pensamento da diferença pela diferença. Que, tomam a arte como forças que movimentam a agonística da vida. Agonística que raspamos das forças kafkianas. Com afecção do jejuador, produzimos escritas nas oficinas que foram para zona das escritura. Uma escritura curricular singular. Escritura curricular onde a forma de expressão, produziu outros efeitos de outra realidade de curricular, da forma de conteúdo curricular. É de se estranhar diferenciação das propostas curriculares que ressonaram nas oficinas. O currículo, singular, toma a significação de acontecer num movimento de curvatura infinito, no continuum, assumindo valores, de certa maneira, não definidos, nem definitivo, por que *“a singularidade é um conceito existencial.”* (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p 68), não é um conceito de interioridade individual. Investir em pontos de singularidades faz acontecer à pluralidade de processos de singularização. O pensamento da artistagem curricular, opera na singularização, por atua num campo da criação científica de multicentragem.

## **Conclusões**

### **Fastio curricular**

Os processos de escrituras curriculares produzidos na disciplina fundamentos do currículo foram inspirados no personagem jejuador do Kafka. Sua artistagem é jejuar. A artistagem o proibia de comer. Numa das passagens do conto, depois de muito tempo, encontraram o jejuador quase morto, num cantinho da jaula, foi quando ele disse: *“- Porque eu não pude encontrar o alimento que me agrada. Se eu o tivesse encontrado, pode acreditar, não teria feito nenhum alarde e me empanturrado como você e todo mundo.”* (1998, p. 35). O artista da fome inspira uma pedagogia que jejue! Um currículo que jejue? Talvez um currículo jejuador produza a dignidade de ter mais rigor com o conceito da diferença. Ao jejuar, possamos trabalhar com propostas de currículo como sintoma dos tempos. Estudar por sintomas e muito diferente de curricular para afirmar a verdade. O jejuador funcionou para as oficinas como um desempanturrador dos jargões curriculares e das opiniões. O currículo nas oficinas, inspirados no jejum artístico, escorrega para fora o pedagogeiz, sem sair de dentro do pedagógico. Estas oficinas viveram da potência de composições pedagógicas inspiradas nas figuras de Kafka. Jejuamos para afastar a volúpia de pedagogizar. Jejuar: da fome de contrato pedagógico e da folhinha mimeografada. Jejuar, um fastio, que

pode afecção ativa curricular. Jejuamos nas oficinas com a força do artista da fome. Depois destes vividos, jejuemos por outras criações.

### **Referências**

CORAZZA, Sandra. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (Org.). Currículo. Questões de aula. Campinas, SP, Papyrus, 1998, p. 103, 143.

\_\_\_\_\_. Ca.Obe#1. Caderno de notas. Observatório da educação. Escriteiras: um modo de ler em meio à vida. Oficinas de transcrição (OsT). Ijuí, UNIJUÍ, 2011 (prelo).

DELEUZE, Gilles. *Conversações. 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34, 1996.

KAFKA, Franz. Um artista da fome. A construção. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

NIETZSCHE, F. A gaia ciência. São Paulo Companhia das letras, 2001.

ROLNIK, Sueli e GUATTARI, Félix. Micropolítica. Cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de Identidade. Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. Currículo como fetiche. A poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.